

Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense



Instituto Estadual do Patrimônio Cultural
Secretaria de Estado de Cultura - RJ



Parceria:



Instituto Cultural
Cidade Viva

denominação
Fazenda Aliança (Alliança)

código
AII - FO5 - BP

localização
Rodovia RJ-145, km 10, distrito-sede

município
Barra do Pirai

época de construção
século XIX

estado de conservação
detalhamento no corpo da ficha

uso atual / original
residencial / fazenda de café

proteção existente / proposta
nenhuma/ tombamento

proprietário
particular



situação e ambiência

A Fazenda Aliança está localizada à margem da Rodovia RJ-145, entre as cidades de Barra do Pirai e Valença. A sede dista 1 km do asfalto, seguindo por uma estrada interna de terra, sendo visível somente quando se está próximo à chegada.

Suas edificações estão implantadas num platô, rodeado por pequenos morros revestidos parcialmente por vegetação, de forma harmoniosa e integrada ao sítio natural. Na encosta, aos fundos da casa-sede, um trecho mais denso de mata em regeneração contribui para valorizar o cenário envolvente. O acesso principal é marcado por um renque de palmeiras que leva, atualmente, a parte posterior das edificações.



coordenador / data **Noêmia Lucia Barradas Fernandes e Cláudia Baima Mesquita - jan 2008**
equipe **Daniel Soares Braz e Ícaro Cardoso Cerqueira**
histórico / revisão **Adriano Novaes / Fernando Pozzobon**

revisão / data
Dina Lerner - fev 2008

A casa-sede, com sua planta retangular, destaca-se na paisagem pela horizontalidade de seu corpo principal. Esta é acentuada pelo desenho do telhado, que se estende sob a fachada lateral criando um imenso alpendre, dando-lhe a feição tão característica das casas rurais brasileiras do século XVIII. Uma construção anexa, aos fundos, separada do corpo da casa-sede por um pequeno pátio, abriga as dependências de serviço que estão sendo reconstruídas.

Os terreiros de café, dispostos na lateral da casa-sede, formam dois grandes retângulos cercados pelo que restou das demais edificações de serviço – o antigo engenho da fazenda e as fundações e alvenarias de pedras remanescentes das senzalas – tendo em seqüência, um pouco mais adiante, uma edificação nova que é utilizada como estábulo. Os antigos pátios de secagem são delimitados por uma mureta em todo o seu perímetro. Isabel Rocha, em sua tese de mestrado¹ sobre a arquitetura do café, no período de 1840/1860, chama a atenção para as peculiaridades dessa mureta de proteção do terreiro da fazenda Aliança: “É das mais significativas, por ser a única, até o momento, com maior altura”. E complementa: “Uma pequena escada externa dá acesso ao terreiro, situado em nível mais baixo que as edificações”. Considera, ainda, que a Aliança integra um grupo de fazendas que classificou como sendo “das pequenas edificações”, em que se evidencia de forma clara a existência de um desenho básico e recorrente de implantação das unidades agrárias, o qual é denominado quadrilátero funcional.

¹ Rocha, Isabel. *Implantação e distribuição espacial e funcional da agro-indústria fluminense, Arquitetura do café – 1840/1860*, in p. 60/2007



Numa diferença de nível do terreno entre o engenho e a casa-sede estão localizados os tanques de lavagem de café e os sistemas de canaletas de distribuição das águas. Aos fundos do conjunto, a meia encosta, escondida pela vistosa mata que hoje a envolve, vê-se a antiga caixa d'água.



A casa-sede da Fazenda Aliança pode ser considerada como integrante do “primeiro tipo” identificado nas descrições arquitetônicas das “casas-grandes” apontadas por Joaquim Cardoso em seus estudos², datados de 1943, que continuam a servir de referência básica para a análise das tipologias encontradas no Vale.

Do texto de Alcides Rocha Miranda e Jorge Czajkowski, denominado *Aspectos de uma arquitetura rural do século XIX*³, que veio aprofundar os estudos sobre o assunto, dando grande contribuição ao tema, extraímos o seguinte comentário: “Descontando-se o pórtico e a capela neoclássicos, destoantes do resto da construção, a Fazenda Aliança é um exemplo típico da casa rural brasileira herdeira dos antigos engenhos de açúcar do século VIII”. Prossequindo: “Conseqüência de uma maneira de construir despreziosa e primordialmente prática”, suas estruturas em esteios de madeira, baldrames de pedra e amplos telhados, que se prolongam sobre a fachada lateral formando grandes alpendrados, dão a essas casas rurais, no caso a Fazenda Aliança, a feição que lhe é tão característica.

² Artigo publicado na Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, número 7, 1943.

³ Miranda, Alcides da Rocha e Czajkowski, Jorge. *Notas sobre os Aspectos Arquitetônicos, in Fazendas - Solares da Região Cafeeira do Brasil Imperial*.



descrição arquitetônica

Consta que, em 1861, José Pereira de Faro comprou de seu tio a Fazenda Boa Esperança, já com a unidade agrícola construída, mudando o seu nome para Aliança e iniciando uma série de obras de ampliação e modernização. Estas incluíram a construção do imponente pórtico neoclássico, marcando a entrada principal da casa-sede e que recebeu no alto do seu frontão triangular a data do término das obras, 1863.





Atualmente, um pequeno jardim de inverno separa o prédio de serviços do corpo principal da casa, sendo a ligação feita por uma passagem coberta. A parte do anexo que desabou está sendo reconstruída com alvenarias de tijolos furados, buscando como resultado formal uma linguagem que se aproxime da tipologia original das construções. As paredes de pau-a-pique dos fundos da casa estão sendo recuperadas.



Várias são as intervenções, de maior ou menor impacto, realizadas ao longo de sua história, visíveis diante de um olhar mais cuidadoso lançado sobre o conjunto das edificações que sobreviveram ao tempo. Também, recentemente, as unidades continuam sendo objeto de obras de recuperação. Observa-se que as janelas originais foram sendo gradativamente substituídas. Encontramos os mais diferentes tipos de esquadrias, como guilhotinas, folhas duplas de abrir com almofada, veneziana e vidro, veneziana somente, tabuado, grade de madeira e em arco semicírculo. O mesmo ocorreu com suas portas: folhas duplas com almofadas, bandeiras retas ou semicirculares, duplas com almofadas sem bandeira etc.

A fazenda possui uma capela integrada à casa-sede, com um rico altar em talha de madeira pintado, característico das fazendas do Vale do Paraíba⁴, e um pequeno oratório embutido na parede, com pintura decorativa, a óleo sobre madeira. No momento da visita, o altar estava coberto por plástico protetor, impedindo o registro fotográfico.

O antigo engenho mantém os elementos estruturais – paredes de vedação e cobertura – em bom estado de conservação. Apenas a fachada dos fundos necessita de intervenções pontuais. Atrás do engenho, ainda há vestígios da roda d'água e do sistema de drenagem e captação. Há registro de um interessante sistema de calhas e distribuição, com cerca de dois mil metros de canais subterrâneos feitos de pedra, com 1,50m de largura por 2,00m de altura. Um dos vários acessos a essa rede de canais é feito pelo estábulo.

⁴ Existe uma foto que mostra a beleza desse altar no livro *Fazendas - Solares da Região Cafeeira do Brasil Imperial*, da Editora Nova Fronteira, à página 99.



Na casa-sede, o embasamento em cantaria encontra-se em bom estado de conservação. Em sua fachada posterior, a fundação é de pedra aglutinada com 1,5 metros de altura, permitindo a formação de um porão. Na ala social, as paredes são de alvenaria e estão conservadas, sendo que, nos fundos, são de pau-a-pique e se observa partes faltantes.

Há presença de manchas originárias de umidade descendente e de trincas verticais e horizontais por toda a casa. Algumas trincas, como aquelas sobre a verga das portas, atravessam a espessura da parede. Em todo o perímetro da casa, também se observam manchas de umidade ascendente, sendo que, em alguns pontos, há perda da argamassa de revestimento sem que se notem trincas.

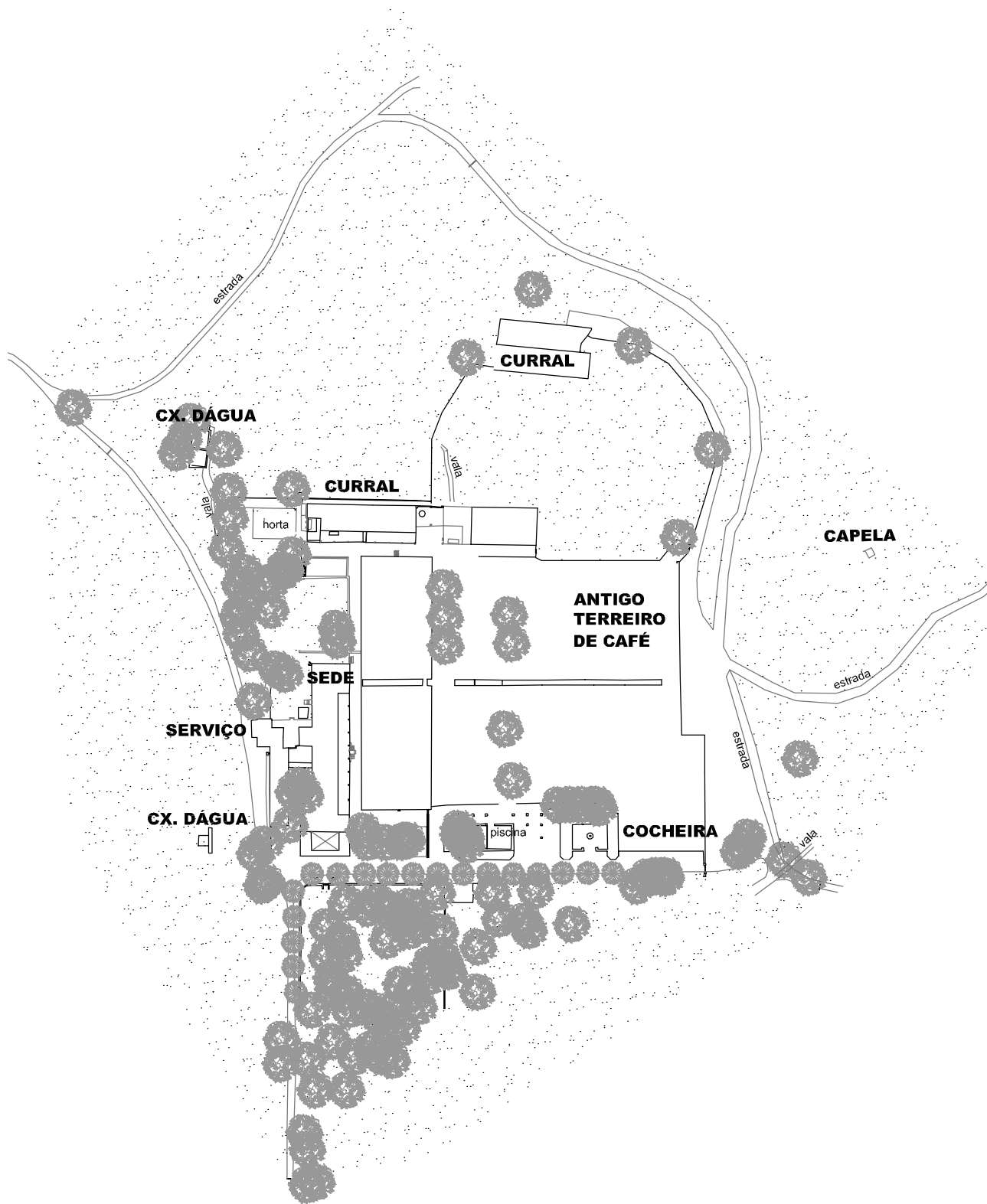
No prédio anexo, de serviços, as paredes de pedra apresentam umidade ascendente e presença de vegetação. Os trechos novos de alvenaria foram reconstruídos em tijolo furado, apresentando-se em boas condições. As paredes das ruínas, em pedra, estão em estado regular, sendo previstas intervenções de restauro de acordo com informações prestadas por seus proprietários.

Os telhados, de modo geral, foram refeitos e não aparentam problemas. As condições das estruturas de madeira, também aparentam estar em bom estado de conservação, sendo que no caso de algumas peças é necessário verificar a necessidade de substituição parcial ou recuperação. Há vestígios, em peças já tratadas, da presença antiga de xilófagos.

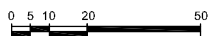
Os pisos em tábua corrida da casa-sede estão conservados. No interior, os forros dos tetos são em tábua corrida, ora sobreposta, na ala social, ora em esteiras, na ala dos fundos. Em um dos salões, apesar do reforço estrutural feito anteriormente (em dobradiças de ferro), o teto apresenta sinais de “flexão”, tendo sido necessário um escoramento emergencial.

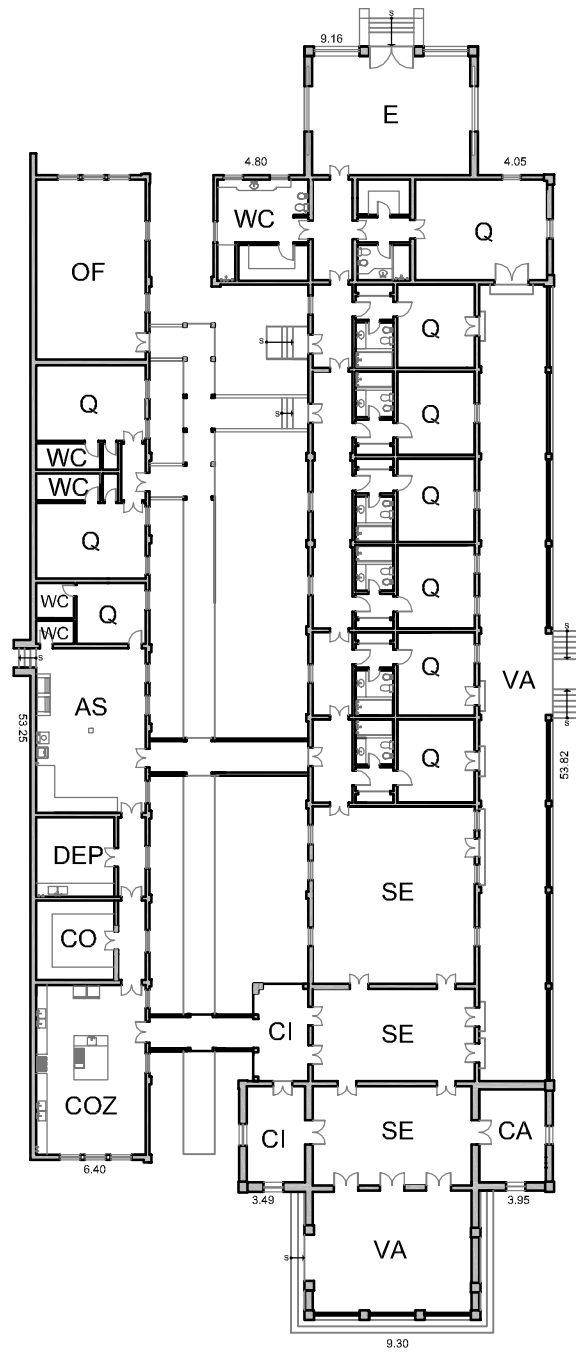






FAZENDA ALLIANÇA
Planta de Situação - representação esquemática escala: 1/2000





1 FAZENDA ALLIANÇA
 Planta Baixa da Sede - 1º PAVTO. escala: 1/400

AS - área de serviço CI - circulação COZ - cozinha E - escritório Q - quarto WC - banheiro alvenaria existente
 CA - capela CO - copa DEP - depósito OF - oficina VA - varanda

Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense

All - F05 - BP

2/2

equipe: Noemia Lucia Barradas Fernandes/ Claudia Baima Mesquita	desenhista: Noemia Barradas/Claudia Baima	revisão: Francyla Bousquet	data: nov 2007
--	--	-------------------------------	-------------------

A família Faro foi pioneira no desbravamento de terras que se situam à margem esquerda do Rio Paraíba do Sul, atual município de Barra do Piraí, outrora município de Valença. Foram senhores de várias sesmarias, oito na margem esquerda e duas na margem direita do rio.

O patriarca foi Joaquim José Pereira de Faro, natural de Braga, Portugal, migrado para o Brasil em 1793. No Rio de Janeiro, dedicou-se ao comércio e ao tráfico transatlântico de africanos escravizados. Galgou projeção social alcançando o posto de professor na Ordem de Cristo. Teve várias condecorações e fez parte da Corte de D. João VI e D. Pedro I. Foi agraciado com o título de Barão do Rio Bonito em 1841.

Joaquim fundou duas fazendas: São Joaquim das Ipiabas e Sant'Anna do Parahyba, ambas no início do século XIX. Casou-se em 1793 no Rio de Janeiro, com Anna Rita Darrigue Faro, com quem teve nove filhos. Desses, quatro estabeleceram-se em com fazendas na região. Entre eles, João Pereira Darrigue de Faro, que, seguindo os passos do pai, alcançou grande projeção social na Corte, chegando a ocupar a Presidência da Província do Rio de Janeiro. Foi o segundo Barão do Rio Bonito. João fundou a Fazenda Monte Alegre, além de receber de herança a Fazenda Sant' Anna. Outro filho importante do casal Joaquim e Anna Rita foi Luiz Pereira Ferreira de Faro, formado em Medicina e casado com sua sobrinha Maria Magdalena de Matos.

Luiz foi senhor da sesmaria sobre-quadra da Fazenda Sant'Anna, onde fundou a Fazenda Boa Esperança na primeira metade do século XIX. Em 1861, Luiz resolveu vender sua Fazenda Boa Esperança para o sobrinho José Pereira de Faro, que mudou o nome desta fazenda para Aliança.

Pelo que consta, José adquiriu a Aliança já com a sua unidade de produção de café construída, composta de casa de vivenda, terreiros de pedra, engenhos de beneficiamento de café, tulhas, senzalas, paióis etc. A partir desta data, José iniciou obras de modernização do complexo cafeeiro da fazenda, ampliando cafezais (mais de 700 mil pés), terreiros – e fazendo melhorias nas edificações e maquinarias. Um imponente pórtico de gosto neoclássico é construído na fachada lateral, em cujo frontão triangular é colocado a data do fim da obra, 1863.

José Pereira de Faro era também senhor da importante Fazenda Sant'Anna, onde vivia e que foi herdada do sogro e tio, o segundo Barão do Rio Bonito.

Homem culto, de idéias liberais, estudou na Europa e, com apenas 20 anos, foi administrar a Fazenda Floresta deixada pelo pai. Desde então, se ocupou da vida rural e voltou-se para interesses do desenvolvimento da localidade de São Bendito de Barra do Piraí. Fez construir nesta localidade a belíssima igreja matriz de Sant'Anna (1881).



Buscava sempre produzir o melhor café para exportação, o que se confirmou na Exposição Nacional realizada em 1861, quando recebeu Medalha de Ouro e Menção Honrosa. Na Exposição Internacional de Londres, realizada em 1862, foi agraciado com a Medalha de Primeira Classe, além de receber diversas menções honrosas. Por esse feito, foi agraciado com a Ordem da Rosa pelo Imperador D. Pedro II.

Em outras exposições, como a de Hamburgo, Altona e Córdoba, também obteve os primeiros lugares na confrontação de seus produtos com os de outros países, como publicado no artigo *A Vida Fluminense*, da *Folha Ilustrada* de 1871. Em 1873, auge da sua projeção social, foi agraciado com o título de terceiro Barão do Rio Bonito.

Em 1882, quando D. Pedro II visitou a Fazenda de Sant'Anna, anotou em seu diário, que se encontra no Museu Imperial:

“... o sistema de Faro é preparar tudo de que precisam as fazendas, até o sabão. O pão de trigo é bom; mas o de cará mais saboroso. Despolpa e leva o café, cuidando de fazê-lo para os terreiros, por meio de um plano inclinado sobre que corre um carro. Tem ensaiado diversos sistemas de aprontar o chão dos terreiros; mas ainda não preferiu nenhum”.

Como progressista que era, defendia a imigração dos estrangeiros e a instalação de um engenho central para fabricação de açúcar e álcool em Barra do Piraí, que ainda hoje guarda como lembrança sua imensa chaminé.

Em 1885, hipotecou todos os seus bens ao Banco do Brasil, enumerando seus mais de 800 escravos. Três anos mais tarde, a Abolição da Escravatura o deixou em sérias dificuldades econômicas e, pouco depois, seus bens foram sendo executados pelos credores.

Entre suas propriedades agrícolas, podemos citar as fazendas Sant'Anna, Alliança e Monte Alegre, todas ainda com suas sedes preservadas. O Barão do Rio Bonito faleceu em 1899, com 67 anos, na cidade de Nova Friburgo.

A Fazenda Alliança foi arrematada pelo Comendador José Joaquim de França Júnior em 1893, que a vendeu para a firma Ferreira, Borges & Cia em 1897. Em 1912, o casal Otto Frederico e Dra. Fernanda Delboug Raulino adquiriu a propriedade, que permaneceu durante mais de 70 anos em posse dessa família. Os herdeiros de Fernanda venderam a Alliança à Sra. Carmem Simões Alves de Lima, permanecendo em sua família até 1995, quando foi então adquirida pelos Rabello.

A Fazenda Alliança não foi exatamente a sede principal da família Faro, mas foi, sem dúvida nenhuma, a segunda mais importante. Ainda hoje, os mesmos terreiros de secar café, construídos com lajes de pedra na Fazenda Alliança, impressionam pela vastidão. A casa-sede da fazenda apresenta características arquitetônicas herdadas dos antigos engenhos de açúcar, o que a torna peculiar, e revela um gosto simples, porém original, o que a distingue de todas as sedes erguidas no Vale do Café. Suas várias edificações anexas, como o enorme engenho de beneficiamento, tulhas e as ruínas da antiga enfermaria, nos dão a noção da vida movimentada de seus proprietários e de seus mais de 800 escravos e empregados.